

ARJ

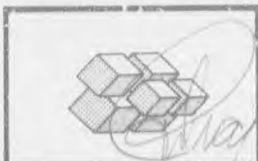
ACFE

CNFT

19884/90

1

01/06



CAPA DE ACE

| | | | |
|-----------------------|-------------------------------|-------------------------|--------------------|
| Agência B75 | Nº ACE/Ano 19384/90 | Total Fls 006 | Sigilo W |
|-----------------------|-------------------------------|-------------------------|--------------------|

| | | | | |
|-------------------|---------------------------|-----------------|-----------------|---|
| Fluxo do processo | Entrada na SE/SS Pesq Arq | Remessa ao DI | ACE Processado | Validade inicial (CINCO) 05 Após |
| Data | 26.01.90 | 29.01.90 | 20.02.90 | Fração Responsável SE-140 |

ACESSO INICIAL

| | | | | | | | | | |
|------------|------------|--|--|--|--|--|--|--|--|
| B75 | B1C | | | | | | | | |
|------------|------------|--|--|--|--|--|--|--|--|

| DOCUMENTOS COMPONENTES | Nº Ord. | Tipo/Nº/Órgão/Ano | | | | NRE/NRS/Ano |
|------------------------|---------|-------------------|--------------|------------|------------|-------------|
| | 01 | FM3 | 00001 | 140 | B75 | 90 |
| 02 | | | | | | |
| 03 | | | | | | |
| 04 | | | | | | |
| 05 | | | | | | |
| 06 | | | | | | |
| 07 | | | | | | |
| 08 | | | | | | |
| 09 | | | | | | |
| 10 | | | | | | |
| 11 | | | | | | |
| 12 | | | | | | |

OBSERVAÇÕES E INSTRUÇÕES ADICIONAIS

OPINIÃO PÚBLICA - A POSIÇÃO DE JORNALISTAS EM FA-
CE DO GOVERNO FERNANDO COLLOR DE MELLO

Em JUL 89, prévia eleitoral realizada entre os jornalistas profissionais do Estado do ESPÍRITO SANTO revelou que COLLOR DE MELLO recebeu 7,8% das intenções de votos da categoria, enquanto os candidatos de esquerda obtiveram 84,9% das intenções de votos, sendo a maioria para o candidato da FRENTE BRASIL POPULAR (FSP) - agrupamento esquerdista nucleado em torno do PARTIDO DOS TRABALHADORES (PT) - LUIS IGNACIO LULA DA SILVA, com 37,6% dos votos dos referidos jornalistas. Em âmbito nacional, a pesquisa revelou que 81% dos jornalistas apoiaram os candidatos de esquerda (W/FM3/00055/140/B7J/280789).

Tal preferência apresentou reflexos concretos na campanha eleitoral, haja vista, o artigo do jornalista SEBASTIÃO AUGUSTO DE SOUZA NERY (B0048203) (TRIBUNA DA IMPRENSA 29.08.89), no qual, em resumo, afirma o seguinte:

- "Hoje nas redações brasileiras, a presença política majoritária do PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO (PCB), foi substituída pelo PARTIDO DOS TRABALHADORES. E o PT é radical demais....."
- "Das redações, a grande parte é mesmo do PT, até mesmo porque compõe, hoje, a maior parcela da esquerda nas redações."

Resalte-se que na primeira fase da campanha eleitoral o JORNAL DOS JORNALISTAS, publicação do SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, em seu nº 2, SETEMBRO 89, publicou na 1ª página, com charge em quadro, chamada intitulada "COLLOR DE MELLO inimigo nº 1 dos jornalistas" e na página 4, também com charge, artigo intitulado: "Jornalistas declaram guerra a COLLOR DE MELLO", contendo críticas e acusações a COLLOR DE MELLO na qualidade de proprietário de ODS, em ALAGOAS.

ZI: HC - SE-PEA

W/FM3/00001/140/B7J/150190

CONFIDENCIAL

53/06
02/02

Em DEZ 89, após o segundo turno das eleições, proclamada a vitória de COLLOR DE MELLO, seu concorrente da FBP, LUIS IGNÁCIO LULA DA SILVA, declarou em entrevista transmitida pela televisão que a "FBP vai fazer oposição e, até mesmo, 'um governo paralelo'."

Do exposto, verifica-se que em face do radicalismo do candidato das esquerdas, LUIS IGNÁCIO LULA DA SILVA, e da quase absoluta vinculação dos jornalistas com as esquerdas, é de se esperar forte campanha dos jornalistas contra o Governo COLLOR, com reflexos na opinião pública.

* * *

22: W/FM3/00055/140/B7J/280789

27: CÓPIA DO ARTIGO DE SEBASTIÃO NERY E CÓPIA XEROX DO JORNAL DOS JORNALISTAS Nº 2.

CONFIDENCIAL

Sebastião Nery

Os coleguinhas

1. **BRASILIA** - Quem tem mais razão? Millôr Fernandes, o gênio? ("Se deixarmos, acaba como na Rússia. Lá, toda a imprensa é comunista"). Ou será Bismarck, o Genera? ("O jornalista é um homem, que errou a profissão"). Talvez, infelizmente, Joaquim Nabuco, o jornalista: ("Uma das maiores burlas de nosso tempo terá sido o prestígio da imprensa"). Dias atrás, aqui na TRIBUNA, lemos artigos primorosos de Nilo Batista, Helio Fernandes e Argemiro Ferreira sobre o papel (direitos e deveres) do advogado e do jornalista. A campanha eleitoral é um instante oportuno para pensar o comportamento da imprensa diante da Nação. Nenhum juiz, por mais generoso e condescendente, lhe daria nota 10.

2. **ELEIÇÕES** - Uma das melhores alegrias, e razoável vaidade, que o jornalismo me tem dado nestes já quase 40 anos de batente, foi a oportunidade de acompanhar, cobrir campanhas eleitorais nas mais importantes democracias do mundo. Estados Unidos, México, Venezuela, Chile, Argentina, Peru e outros menos votados das Américas. Inglaterra, França, Itália, Espanha, Portugal, Alemanha, Austria, Suécia, Grécia. Em todas, e muitas outras, mesmo nas meias-democracias, a imprensa (TV, rádio e jornal) sempre é o instrumento central da campanha. Rui Barbosa, o sagrado coleguinha, era muito barroco, rococó, mas via longe: - "A imprensa é a vista da nação. Por ela é que a nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe". As eleições, por exemplo.

3. **IMPRESA** - Depois de alguns meses de participação direta nesta campanha presidencial, como jornalista e como político, tenho um depoimento e algumas reflexões a fazer, que me parecem ajudar a entender e definir a presença da imprensa no processo eleitoral é, sobretudo, no processo democrático. Sou de uma geração profissional em que os comunistas eram os mais atentos e eficientes militantes políticos nas redações. Em geral, bons profissionais e cidadãos. As vezes sequestrávamos demais nossa presença, o jogo interno das redações. Mas havia um critério geral prioritário: o respeito pelo leitor. Por mais vesgos que às vezes fôssemos, o direito do público era a baliza principal. Daí talvez a famosa frase de Roberto Marinho, conversando com Júlio Mesquita Filho: - "Assim como não se pode fazer balé no Brasil sem viado, não se pode fazer jornal sem comunista". Uma homenagem ao talento e a eficácia da esquerda.

4. **O PT** - Mas, além da lusitana roda, também o mundo gira. Hoje, nas redações brasileiras, a presença política majoritária do PC foi substituída pelo PT. As escolas de Comunicação, muitas desgraçadamente pouco mais do que supermercados vendedores de diplomas, despejam, todos os anos, batalhões de moças e rapazes, principalmente moças, excitados pela oportunidade de se profissionalizarem e também de atuarem politicamente. Isso é bom. Nada pior para um povo e uma democracia do que jornalistas alienados.

O alienado não sabe onde pisa e ensina sempre aos outros caminhos equivocados. O difícil é encontrar o ponto de equilíbrio. O radical é quase sempre um desequilibrado. E o PT é radical demais.

PT, até porque compõe, hoje, a maior parcela da esquerda nas redações. Com as raras exceções de sempre, na sua empáfia e mandonismo stalinista, acham que quem não vota com eles é, no mínimo, criminoso. Como não têm voto para ganhar a eleição, partem para uma incofida, indisfarçada violência política, se não física, mas verbal, pessoal. Já que não têm o povo nas urnas, querem ganhar com as notícias nas redações. E fazem um jornalismo vândalo, depredador, fraudulento. Sem o menor escrúpulo.

7. **COLLOR** - Como é Fernando Collor quem está, absoluto, liderando as pesquisas e recebendo o apoio popular, partem enfurecidamente para cima dele. Nesta campanha, a grande prova da resistência, o incansável exercício de paciência que Collor tem feito não é tolerar as agressões de Brizola e outros desesperadamente menos votados. É tolerar a desrespeitosa, histérica agressividade de muitos jornalistas da esquerdinha mal-amada. E todo dia, várias vezes ao dia. De gravador ou microfone na mão, imagina que é ali, naquele instante, exatamente com aquela pergunta ofensiva, que vão dar o tombo definitivo no candidato, exasperá-lo, provocar um incidente, levá-lo a uma declaração infeliz, a um gesto desastrado e, afinal, derrubá-lo nas pesquisas.

8. **TV MANCHETE** - Poderia citar dezenas de exemplos. Em Belo Horizonte, uma jornalista da Rádio Itatiaia perguntou a Collor o que é que ele havia conversado com o ex-governador Hélio Garcia. Ele disse que ainda não se havia encontrado com Garcia. A moça gritou: "O senhor está mentindo". Collor ficou olhando longamente para ela e não disse nada. Também em Minas, uma repórter do "Jornal do Brasil" nem perguntou, declarou: "O senhor não tem coragem de ir aos debates. Por quê?" Collor olhou forte para ela, ficou calado, não respondeu. As duas tentavam merecer, no mínimo, um palavrão, para a manchete do dia seguinte. No Rio, uma querida coleguinha de todos nós, excelente profissional, faz parte do comitê de imprensa de Brizola. Mas é também repórter da TV Manchete, destacada para cobrir a campanha de Collor. Como é muito autoritária, mais stalinista do que Prestes ela não deixa os colegas falarem, perguntarem. Se algum insiste, ela grita, aito: "Espera". Às vezes: "Cala a boca". Quando Collor aparece, ela não se contém. Miudinha, começa a tremor de ódio, como um bambuzinho do diabo. Os lábios batem, ficam arroxeados, a cara pálida, e ela, microfone em punho, vai perguntando, agredindo, provocando, uma, duas, três vezes, só ela, não deixando ninguém mais participar. E Collor com uma apaciência infinita. Uma hora dessas ela vai pular e morder o nariz dele. Ou quebrar o microfone na cabeça histéricamente.

9. **JORNAL DO BRASIL** - Antigamente, os editores escalavam repórteres para fazerem a cobertura das campanhas. Agora, alguns escalam assessores dos candidatos adversários. Eles ficam ali, furiosos, a serviço dos seus candidatos, que não são aqueles que vão entrevistar. E se alucinam. Em Santa Catarina, dias atrás, no aeroporto, o correspondente do "Jornal do Brasil", lhe disse: - "O senhor afirmou que vai receber o apoio do prefeito Espiridiano Amim. Mas eu sei que ele não vai apoiar o senhor. Apenas votar. O que o senhor achou disso?" Collor sorriu: - "Não foi isso

alegrias, e razoável vaidade, que o jornalismo me tem dado nestes já quase 40 anos de batente, foi a oportunidade de acompanhar, cobrir campanhas eleitorais nas mais importantes democracias do mundo. Estados Unidos, México, Venezuela, Chile, Argentina, Peru e outros menos votados das Américas. Inglaterra, França, Itália, Espanha, Portugal, Alemanha, Áustria, Suécia, Grécia. Em todas, e muitas outras, mesmo nas meias-democracias, a imprensa (TV, rádio e jornal) sempre é o instrumento central da campanha. Rui Barbosa, o sagrado coleguinha, era muito barroco, rococó, mas via longe: - "A imprensa é a vista da nação. Por ela é que a nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe". As eleições, por exemplo.

3. IMPRENSA - Depois de alguns meses de participação direta nesta campanha presidencial, como jornalista e como político, tenho um depoimento e algumas reflexões a fazer, que me parecem ajudar a entender e definir a presença da imprensa no processo eleitoral é, sobretudo, no processo democrático. Sou de uma geração profissional em que os comunistas eram os mais atentos e eficientes militantes políticos nas redações. Em geral, bons profissionais e cidadãos. As vezes sectarizávamos demais nossa presença, o jogo interno das redações. Mas havia um critério geral prioritário: o respeito pelo leitor. Por mais vesgos que às vezes fôssemos, o direito do público era a baliza principal. Daí talvez a famosa frase de Roberto Marinho, conversa, o com Júlio Mesquita Filho: - "Assim como não se pode fazer balé no Brasil sem viado, não se pode fazer jornal sem comunista". Uma homenagem ao talento e a eficiência da esquerda.

4. O PT - Mas, além da lusitana roda, também o mundo gira. Hoje, nas redações brasileiras, a presença política majoritária do PC foi substituída pelo PT. As escolas de Comunicação, muitas desgraçadamente pouco mais do que supermercados vendedores de diplomas, despejam, todos os anos, batalhões de moças e rapazes, principalmente mocas, excitados pela oportunidade de se profissionalizarem e também de atuarem politicamente. Isso é bom. Nada pior para um povo e uma democracia do que jornalistas alienados.

O alienado não sabe onde pisa e ensina sempre aos outros caminhos equivocados. O difícil é encontrar o ponto de equilíbrio. O radical é quase sempre um desequilibrado. E o PT é radical demais.

5. CAMPANHA - Uma vez escrevi que o Partido Comunista, não conseguindo fazer-se um partido operário, se tornara um partido gráfico. Não gostaram, mas era verdade. Com o PT está acontecendo exatamente isso. Não podendo ir muito além de suas bases operárias do ABC, o PT vai ocupando a universidade e as redações, com muito sucesso. É bom para as redações, é melhor ainda para as universidades. Mas não tem sido bom para a campanha eleitoral, pela simples e poderosa razão de que a maioria do povo brasileiro, e portanto do eleitorado, não é jornalista nem universitária, e muito menos do PT. E o PT sai para um discurso, uma prática política, uma coação eleitoral para autoritária, auto-suficiente, antidemocrática, pernóstica, metida a besta, stalinista. Eles se consideram os donos da bola e da cocada preta. Quem não pensa como eles tem que ser pisado, banido, agredido. Se o PT pudesse, faria pior do que os generais de 64. Não cassaria apenas os dirigentes. Cassaria o povo inteiro que não vota com ele. E que é a maioria esmagadora do país.

6. REDAÇÕES - Os fatos que vou contar evidentemente aconteceram todos com gente do PT. Há comunistas, marginais do PDT e marginalizados do PMDB. Mas a grande parte é mesmo do

tolerar as agressões de Brizola e outros desesperadamente menos votados. E tolerar a desrespeitosa, histórica agressividade de muitos jornalistas da esquerdinha mal-amada. E todo dia, várias vezes ao dia. De gravador ou microfone na mão, imagina que é ali, naquele instante, exatamente com aquela pergunta ofensiva, que vão dar o tombo definitivo no candidato, exasperá-lo, provocar um incidente, levá-lo a uma declaração infeliz, a um gesto desastrado e, afinal, derrubá-lo nas pesquisas.

8. TV MANCHETE - Poderia citar dezenas de exemplos. Em Belo Horizonte, uma jornalista da Rádio Itatiaia perguntou a Collor o que é que ele havia conversado com o ex-governador Hélio Garcia. Ele disse que ainda não se havia encontrado com Garcia. A moça gritou: "O senhor está mentindo". Collor ficou olhando longamente para ela e não disse nada. Também em Minas, uma repórter do "Jornal do Brasil" nem perguntou, declarou: "O senhor não tem coragem de ir aos debates. Por quê?" Collor olhou forte para ela, ficou calado, não respondeu. As duas tentavam merecer, no mínimo, um palavrão, para a manchete do dia seguinte. No Pão, uma querida coleguinha de todos nós, excelente profissional, faz parte do comitê de imprensa de Brizola. Mas é também repórter da TV Manchete, destacada para cobrir a campanha de Collor. Como é muito autoritária, mais stalinista do que Prestes ela não deixa os colegas falarem, perguntarem. Se alguém insiste, ela grita, alto: "Espera". As vezes: "Cala a boca". Quando Collor aparece, ela não se contém. Miudinha, começa a tremer de ódio, como um bambuzinho do diabo. Os lábios batem, ficam arroxeados, a cara pálida, e ela, microfone em punho, vai perguntando, agredindo, provocando, uma, duas, três vezes, só ela, não deixando ninguém mais participar. E Collor com uma apaciência infinita. Uma hora dessas ela vai pular e morder o nariz dele. Ou quebrar o microfone na cabeça histericamente.

9. JORNAL DO BRASIL - Antigamente, os editores escalavam repórteres para fazerem a cobertura das campanhas. Agora, alguns escalam assessores dos candidatos adversários. Eles ficam ali, furiosos, a serviço dos seus candidatos, que não são aqueles que vão entrevistar. E se alucinam. Em Santa Catarina, dias atrás, no aeroporto, o correspondente do "Jornal do Brasil", lhe disse: - "O senhor afirmou que vai receber o apoio do prefeito Espiridião Amim. Mas eu sei que ele não vai apoiar o senhor. Apenas votar. O que o senhor achá disso?" Collor sorriu: - "Não foi isso que ele me disse". Collor entra no carro e vai para a assembléia ser recebido por Amim, que já lá estava. Na porta, 30 a 40 pessoas do PDT e do PT, de um lado e outro, fizeram um apertado corredor polonês, bem na entrada, vaiando Collor e os deputados, prefeitos e vereadores que foram buscá-lo no aeroporto. Entre o grupo dos pedetistas, exatamente o mais exaltado e histérico, gritando com sua vozinha fininha, efeminadinha ("fascistas, fascistas") era o correspondente do JB, que é membro do PDT. Daí a cinco minutos, já estava ele, lá dentro, com seu caderninho, trabalhando e dando gritinhos.

10. FOLHA - Não estou condenando o jornalista político. Sempre fui um deles. Mas assumo. Sente-se à máquina, escreva, diga tudo e assinie embaixo. O que não pode é esconder-se por detrás da notícia, fraudando a verdade. O repórter da "Folha de S. Paulo" um profissional talentoso, experiente, que foi a Minas na semana passada, quando Collor lá esteve, chamou de "comícios com menos de 200 pessoas" as rápidas passagens de Collor apenas para inaugurar quatro comitês em Belo Horizonte. Mas não disse que em Sete Lagoas havia entre 20 e 30 mil pessoas no maior comício desta campanha. Ele estava lá e viu. Tanto que voltou para Brasília de carona, no avião de Collor. Isso é jornalismo, meus queridos coleguinhas?

05/06

Jornal JORNALISTAS

Publicação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Espírito Santo - Ano I - Nº 2 - Set/Out/-89

EDITORIAL

Sem disposição de luta por parte da categoria, o Sindicato não é nada, ou quase nada. Muitas críticas são feitas à atual diretoria da nossa entidade como se ela tivesse sido eleita para substituir ou representar os jornalistas de forma que ninguém arque com nenhum ônus ou sofra qualquer retaliação do patronato.

A nossa luta é exatamente a de buscar uma organização capaz de estabelecer o nosso poder - constitucional, diga-se de passagem - de reclamar os nossos direitos sem que isto seja visto como uma atitude criminosa. Muitas críticas à atual diretoria são mais do que verdadeiras, em alguns casos até condescendentes. A categoria tem todo o direito de cobrar uma atuação competente dos dirigentes sindicais, mas tem que saber também que não existe guerra sem dor, mortos ou feridos.

O HOMEM DA IMPRENSA/89



Collor de Mello: inimigo nº 1 dos jornalistas

O Sr. Fernando Collor de Mello, candidato do PRN à Presidência da República, se comprometeu publicamente com a Abert a manter a atual estrutura de concessões de canais de TV e emissoras de Rádio, que só beneficia grandes grupos empresariais, muitos deles comprometidos com o Capital estrangeiro. Por esta, entre muitas outras razões, a candidatura Collor de Mello foi repudiada pelos jornalistas, reunidos no XXIII Congresso Nacional da categoria. Pág. 4

TV Gazeta em debate

Finalmente, depois de uma longa trajetória, os jornalistas capixabas da TV Gazeta conseguiram incluir em seu acordo coletivo de trabalho de 1989, a figura do Conselho Editorial. Mas, por enquanto, ainda é um conselho entre aspas, porque a empresa não aceita o que a gente poderia chamar de um

CONSELHO DE BOCA CHEIA, aquele que tem como finalidade definir a linha editorial do jornal. O que vem acontecendo, desde o início do mês de setembro, são reuniões, duas por mês, de avaliação do jornalismo praticado na redação da TV Gazeta. Mesmo não sendo um CONSELHO DE BOCA CHEIA, o importante



é que os jornalistas agora podem discutir o que estão fazendo, o que estão colocando no ar.

Para o editor-chefe da TV Gazeta, Abdo Chequer, o objetivo deste grupo "é avaliar e discutir o jornalismo feito na TV Gazeta, a qualidade das matérias. Em suma, o que a gente está passando para o público capixaba" e, principalmente, saber se o produto final está

atendendo à expectativa do telespectador." Para que esta impressão seja colhida, sempre uma pessoa de fora, ou seja, não jornalista, participa de uma das reuniões do Conselho. Sua opinião é de extrema importância, porque só assim estamos de fato conversando com o telespectador.

Suzana Tatagiba - Delegada Sindical da TV Gazeta

02/06

Jornal JORNALISTAS

Publicação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado do Espírito Santo - Ano I - Nº 2 - Set/Out/-89

EDITORIAL

Sem disposição de luta por parte da categoria, o Sindicato não é nada, ou quase nada. Muitas críticas são feitas à atual diretoria da nossa entidade como se ela tivesse sido eleita para substituir ou representar os jornalistas de forma que ninguém arque com nenhum ônus ou sofra qualquer retaliação do patronato.

A nossa luta é exatamente a de buscar uma organização capaz de estabelecer o nosso poder - constitucional, diga-se de passagem - de reclamar os nossos direitos sem que isto seja visto como uma atitude criminosa. Muitas críticas à atual diretoria são mais do que verdadeiras, em alguns casos até condescendentes. A categoria tem todo o direito de cobrar uma atuação competente dos dirigentes sindicais, mas tem que saber também que não existe guerra sem dor, mortos ou feridos.

O HOMEM DA IMPRENSA/89



Collor de Mello: inimigo nº 1 dos jornalistas

O Sr. Fernando Collor de Mello, candidato do PRN à Presidência da República, se comprometeu publicamente com a Abert a manter a atual estrutura de concessões de canais de TV e emissoras de Rádio, que só beneficia grandes grupos empresariais, muitos deles comprometidos com o Capital estrangeiro. Por esta, entre muitas outras razões, a candidatura Collor de Mello foi repudiada pelos jornalistas, reunidos no XXIII Congresso Nacional da categoria. Pág. 4

TV Gazeta em debate

Finalmente, depois de uma longa trajetória, os jornalistas capixabas da TV Gazeta conseguiram incluir em seu acordo coletivo de trabalho de 1989, a figura do Conselho Editorial. Mas, por enquanto, ainda é um conselho entre aspas, porque a empresa não aceita o que a gente poderia chamar de um

CONSELHO DE BOCA CHEIA, aquela que tem como finalidade definir a linha editorial do jornal. O que vem acontecendo, desde o início do mês de setembro, são reuniões, duas por mês, de avaliação do jornalismo praticado na redação da TV Gazeta. Mesmo não sendo um CONSELHO DE BOCA CHEIA, o importante

FAZENDO EM CONSELHO,
EUO JÁ SEI ISSO, O
JORNALISTA ROBERTO BORRILHO.



é que os jornalistas agora podem discutir o que estão fazendo, o que estão colocando no ar.

Para o editor-chefe da TV Gazeta, Abdo Chequer, o objetivo deste grupo "é avaliar e discutir o jornalismo feito na TV Gazeta, a qualidade das matérias. Em suma, o que a gente está passando para o público capixaba", e, principalmente, saber se o produto final está

atendendo à expectativa do telespectador." Para que esta impressão seja colhida, sempre uma pessoa de fora, ou seja, não jornalista, participa de uma das reuniões do Conselho. Sua opinião é de extrema importância, porque só assim estamos de fato conversando com o telespectador.

Suzana Tatagiba -
Delegada Sindical da TV
Gazeta



Jornalistas declaram guerra a Collor de Mello

Fernando Collor de Mello tem uma visão obscurantista sobre comunicação e fez pública profissão de fé no ideário da Associação Brasileira de Empresas de Rádio e Televisão, e de manter a atual estrutura de concessão de rádio e televisão, o que contraria o interesse da grande maioria dos brasileiros.

A afirmação é do presidente da Federação Nacional dos Jornalistas, Armando Rollenberg, ao analisar a decisão do Congresso Nacional dos Jornalistas, realizado em Recife, que declarou o candidato do PRN à Presidência da República inimigo número 1 da categoria.

MUITAS RAZÕES

Collor de Mello é inimigo dos jornalistas por muitas razões, como avalia o presidente da Fenaj. Beneficiário da ditadura militar, a quem serviu em várias ocasiões, inclusive como prefeito blônico de Maceió, o milionário candidato do PRN recebeu por seus serviços concessões de rádio e televisão no Estado de Alagoas.

"Nas empresas do grupo Gazeta, de Alagoas, Collor de Mello tem postura de coronel, no sentido mais atrasado do termo. Os seus funcionários, jornalistas, radialistas e outros são tratados de forma truculenta. Seu irmão, Pedro Collor de Mello, chegou ao absurdo de proibir o ingresso de dirigentes sindicais no interior de suas

empresas. Os funcionários foram ameaçados de demissão caso se filiassem aos seus sindicatos. Tudo isto é absurdo que os jornalistas têm obrigação de combater", afirma o presidente da Fenaj.

Nem mesmo o contato direto da Fenaj com Fernando Collor de Mello serviu para atenuar a atitude coronelista do candidato do PRN à Presidência da República. Isto sem contar



Collor de Mello veio duas vezes ao Estado

a exploração violenta dos trabalhadores, jornalistas ou não, que ganham salários de fome na rede Gazeta de Alagoas. "Lá os salários são vis", disse Armando Rollenberg.

Pouco antes da realização do Congresso Nacional dos Jornalistas, realizado em Recife, Collor de Mello se reuniu com os dirigentes da Abert onde se comprometeu formal e publicamente a manter a estrutura das concessões de rádio e televisão no País. Esta estrutura, montada pela ditadura militar, serviu nos últimos anos para privilegiar os grupos econômicos poderosos, com interesses em comunicação.

A própria Rede Globo foi formada pelas benesses do sistema, que escolheu o empresário Roberto Marinho como porta-voz extra-oficial do regime. Para Armando Rollenberg "Collor de Mello é candidato do Dr. Roberto Marinho, dos patrões. Não pode jamais ser candidato dos jornalistas".

A Fenaj está divulgando, por todos os meios, a decisão da categoria, em seu Congresso Nacional, de combater a candidatura Collor de Mello à Presidência da República. Armando Rollenberg não escondia a satisfação ao lembrar o resultado da pesquisa realizada pelo Instituto Vox Populi, que indicava entre os dias 12 e 15 de setembro, a queda da preferência do eleitorado em Collor de Mello. Mesmo antes do horário de propaganda eleitoral gratuita no rádio e na TV, o candidato do PRN já havia caído 3 pontos percentuais, estando com 38,1% dos votos. Leonel Brizola, do PDT, passava aos 14,2% de preferência do eleitorado, enquanto Luís Inácio Lula da Silva, do PT, em terceiro lugar, recebia 6,1% dos votos. "Vai cair muito mais", vaticinava Armando Rollenberg.

Finanças da campanha nas mãos de corrupto

O candidato Fernando Collor de Mello cercou-se de todos os lados por oportunistas de todos os matizes, corruptos e outros inconsequentes. É com esta troupe que ele vai governar, se por acaso for eleito, o nosso País? Vai escolher por exemplo o advogado Paulo César Cavalcante Farias, o principal coordenador econômico de sua campanha, ministro da Fazenda? Este mesmo senhor que desde maio de 1987 está impedido de operar com crédito rural e agroindustrial por causa da corrupção cometida contra os cofres públicos, será ministro de Estado?

Note-se que a denúncia de corrupção deste senhor Paulo César Cavalcante Farias foi confirmada pelo próprio Banco Central. Ele cometeu irregularidades confirmadas em 31 dos 70 processos movidos contra ele pelo Banco Central. E por estas irregularidades o assessor de Collor de Mello entrou na lista negra do banco, por tempo indeterminado.

O Banco Central confirmou ainda que em 14 dos 31 processos contra Paulo César Cavalcante Farias ficou configurado crime, o que o tornaria passível de ação judicial. No entanto, apesar da solicitação feita pelo BC para enquadramento criminal do assessor de Collor de Mello, a Procuradoria da Justiça do Estado de Alagoas arquivou os processos, que não só eram movidos contra ele mas também contra vários usineiros alagoanos, igualmente beneficiados por operações fraudulentas cometidas por uma das empresas de Paulo César, em 1982. Além de grande criador de marajás, Collor de Mello os alimenta, protege e os promove.

Do RJ, um rosário de denúncias

Vários sindicatos já estão em campanha contra o falso caçador de marajás das Alagoas. Veja as denúncias reunidas pelos companheiros do Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro.

LEMBRETE AOS ELEITORES

Ele foi deputado federal pelo partido do Sarney e não apresentou um projeto de lei sequer; ele foi prefeito blônico de Maceió indicado pelo partido de Sarney e nomeou um "trem da alegria" de 7 mil funcionários fantasmas para se eleger deputado federal; ele votou contra as Diretas quando pertencia ao partido de Sarney; ele votou a favor do arrocho salarial quando pertencia ao partido de Sarney; ele foi eleito governador de Alagoas com o apoio de Sarney; ele votou em Paulo Maluf para presidente no Colégio Eleitoral; ele perseguiu humildes funcionários públicos de Alagoas e pagou 3 milhões de cruzados à revista VEJA para apresentá-lo como o "Grande Caçador de Marajás" do Brasil; ele usou o dinheiro do Estado de Alagoas para comprar jornalistas, rádios e televisões para promover sua candidatura a presidente; ele deu aos usineiros de Alagoas um "presente" de 100 milhões de dólares e falhou o Banco do Estado de Alagoas, o Produban.

Agora, ele quer ser Presidente da República. Você votaria nesse cidadão, com esse currículo? Depois de 30 anos sem votar você vai jogar seu voto no lixo? Por se bem, reflita, o Presidente da República tem que ser honesto, digno e defensor dos interesses do povo.

F I M